REVISTA SAÚDE DOS VALES

ISSN: 2674-8584 V.11 – N.1 – 2024

ABORDAGEM DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UMA REVISÃO DE LITERATURA

NURSING CARE FOR PATIENTS WITH AUTISTIC SPECTRUM DISORDER: A LITERATURE REVIEW

Ana Marta Rodrigues do Amaral
Acadêmica do 7° Período do Curso de Enfermagem da Faculdade AlfaUnipac de Teófilo Otoni (MG) – Email: rodriguesana302@gmail.com

Bruno Gomes do Nascimento
Acadêmico do 7° Período do Curso de Enfermagem da Faculdade AlfaUnipac de Teófilo Otoni (MG) – Email: bruno-gomes@hotmail.com.br

Orlindo Emanuel Borges
Acadêmico do 8° Período do Curso de Enfermagem da Faculdade AlfaUnipac de Teófilo Otoni (MG) – Email: orlindoborges@hotmail.com

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição que afeta, diretamente, a comunicação social e o comportamento de indivíduos. Essas situações clínicas, todavia, podem ser minimizadas, desde que haja uma detecção ainda nas fases iniciais de vida e acompanhamento por profissionais de saúde especializados, em especial os enfermeiros. Diversos recursos, como a musicoterapia, equoterapia, arteterapia, podem representar práticas terapêuticas promissoras para o auxílio no desenvolvimento de habilidades sociais, emocionais, cognitivas e de relacionamento familiar em crianças com TEA. Este presente estudo analisa, sistematicamente, por meio de revisão de literaturas, as medidas a serem utilizadas pelos profissionais de enfermagem na assistência a esse público. Para isso, foram selecionados 20 trabalhos para a composição final desta obra, publicados entre os anos 2012 e 2024. A pesquisa revelou diversas intervenções de cuidado possíveis, através da puericultura e da Sistematização da Assistência da Enfermagem (SAE). Contudo, concluiu-se que ainda há desafios relacionados à aplicabilidade da assistência, por existirem

ainda, no meio profissional, desconhecimentos relacionados à doença e aos respectivos protocolos técnicos de cuidado.

Palavras-chave: Espectro Autista; Transtorno; Assistência de enfermagem.

ABSTRACT

Autism Spectrum Disorder (ASD) is a condition that directly affects social communication and the behavior of individuals. These clinical situations, however, can be minimized, as long as there is detection in the early stages of life and monitoring by specialized health professionals, especially nurses. Various resources, such as music therapy, hippotherapy, art therapy, can represent promising therapeutic practices to help develop social, emotional, cognitive and family relationship skills in children with ASD. This present study systematically analyzes, through literature review, the measures to be used by nursing professionals in assisting this population. To this end, 20 works were selected for the final composition of this work, published between 2012 and 2024. The research revealed several possible care interventions, through childcare and the Systematization of Nursing Care (SAE). However, it was concluded that there are still challenges related to the applicability of assistance, as there is still, in the professional environment, lack of knowledge related to the disease and the respective technical care protocols.

Keywords: Autistic Spectrum; Disorder; Nursing assistance.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno de Espectro Autismo (TEA) é a nomenclatura usada para englobar síndromes diferentes, marcadas por características similares. As manifestações clínicas apresentadas pelos indivíduos com TEA são: dificuldades de comunicação, interação, alteração comportamental de cunho restritivo e repetitivo, agressividade, sensibilidade a ruídos e toques, hiperatividade, padrão de inteligência variável, temperamento hábil, restrição na rotina de atividades, entre outros. Na abordagem de pacientes com esse transtorno, exige-se do profissional de saúde, conhecimentos específicos (teóricos e práticos), habilidades no manejo e estratégias de cuidado individualizado (NUNES et al., 2020).

Quanto à epidemiologia do TEA, é válido demonstrar que, por conta do crescimento substancial desse transtorno na população, novos estudos foram destinados à investigação de sua prevalência. Contudo, são encontrados apenas 2 estudos de metanálise, atualmente, de avaliação mundial. O primeiro deles evidencia que a prevalência é de cerca de 20 por 10.000, englobando-se todas as classificações e nomenclaturas de TEA. O segundo, por sua vez, estipulou a prevalência combinada de TEA em 39,23 por 10.000. De forma específica, há grande variação quando se trata de diferentes países isoladamente. Por exemplo, nos Estados Unidos a taxa é de 34 por 10.000; no Reino Unido, diferentemente, de 99 por 10.000 (RIBEIRO, 2022).

A intervenção precocemente no TEA ajuda na minimização dos sinais e sintomas provocados pelo distúrbio. Nessa lógica, é fundamental que o diagnóstico seja realizado por profissionais de saúde, tais quais, no mínimo: um neuropsiquiatria, um psicólogo especialista em distúrbios do neurodesenvolvimento. Além disso, o enfermeiro pode usar instrumentos, no processo de triagem e acolhimento, para rastrear manifestações clínicas sugestivas para o TEA (MUNIZ et al., 2023).

Em sentido prático, os trabalhadores de enfermagem podem formular maneiras de promover cuidados e orientar os familiares sobre as repercussões do TEA além de como criar um vínculo de afeto com as crianças, com a intenção de torna-los independentes. Vale citar, como modelo, o uso de imagens, vídeos e objetos, que ajudam a criança com TEA a desenvolver tarefas diárias e, no caso da hospitalização, essas mesmas ferramentas podem facilitar a assistência de enfermagem. Essa situação se deve ao fato de as crianças autistas apresentarem dificuldades na comunicação com pessoas ainda desconhecidas, bem como ansiedade e hiperatividade (PIMENTA; AMORIM, 2021).

Ademais, esse profissional pode contribuir com a assistência desde a Atenção Primária, até os serviços especializados. Por meio de seu contato inicial, ainda na triagem e nas primeiras consultas, pode-se identificar, precocemente, o TEA e, a partir disso, criar um plano terapêutico de cuidados individual ao

paciente e aos familiares associados. Criteriosamente, a avaliação clínica, por meio da puericultura, representa um meio eficaz para o diagnóstico dessas alterações e, assim, excluir outras patologias em conjunto (CARVALHO; SOUSA; AZEVEDO, 2022).

Nada obstante, identificam-se, no meio da assistência de enfermagem, lacunas sobre a definição do autismo, bem como seus aspectos clínicos e de cuidado. Apesar de haver um grande roteiro científico a respeito da atuação da enfermagem, a assistência possui muita fragmentação de conhecimentos, além de estigmas a serem complementados pelo conhecimento (VIEIRA; SOARES, 2023). Essa pesquisa se justifica em decorrência da constatação de desconhecimento por parte desses profissionais a respeito da assistência e do cuidado de enfermagem a serem dedicados aos indivíduos com TEA.

2 OBJETIVOS

Esta pesquisa busca, como objetivo geral, descrever os procedimentos a serem adotados para uma assistência de enfermagem de qualidade, humanizada, livre de preconceitos e estigmas sociais. Quanto aos objetivos específicos, espera-se: descrever os aspectos históricos da doença; demonstrar as características mais comuns manifestadas pelos indivíduos com o TEA destacar os cuidados de enfermagem a serem destinados ao paciente e à família; orientar profissionais da enfermagem e da saúde acerca das formas de amparo e cuidado ao indivíduo com TEA; fornecer subsídios teóricos a pacientes e à população geral sobre o tema, como recurso para lidar com esse público; ressaltar o TEA como não impeditivo para uma vida com autonomia e qualidade.

3 METODOLOGIA

Acerca da metodologia de pesquisa, adotou-se o método qualitativo, por meio da revisão de literaturas, com busca na plataforma Google Acadêmico e

repositórios institucionais de revistas científicas nacionais e internacionais. Foram selecionados artigos científicos e trabalhos de conclusão de curso entre os anos de 2012 e 2024, com base em critério de relevância sobre o tema. Para a construção teórica, segregaram-se 60 obras para leitura integral e, ao final da análise, 20 trabalhos para a revisão final.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)

Consoante os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), o Transtorno do Espectro Autista (TEA), epidemiologicamente, é representado por uma proporção de 1 a cada 100 crianças nascidas no mundo. Além disso, há desconhecimento acerca da prevalência desse distúrbio em países de baixa e média renda. A respeito da causalidade, há evidências científicas que sugerem diferentes etiologias que potencializam a probabilidade de nascimento de uma criança com autismo, tendo destaque para os fatores ambientais e genéticos. Vale ressaltar que as manifestações clínicas de indivíduos com TEA abrangem condições neurológicas, comportamentais e também genéticas (SENA et al., 2015 apud ANJOS; REIS, 2019).

Inicialmente, cabe revelar que o autismo foi apresentado pela primeira vez no ano de 1943, pelo psiquiatra Leo Kanner, sendo classificado como um Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Em seu estudo prático com crianças com características incomuns, ao comparadas a outras crianças, Kanner percebeu dificuldades nas relações afetivas e prejuízos relacionados ao desenvolvimento da fala e incômodo dos indivíduos quando se deparavam com situações novas no cotidiano. A definição de autismo, posteriormente, foi introduzida ao Manual Diagnóstico Estatístico de Saúde Mental (DSM) em 1952. Não obstante, esse distúrbio era diretamente associado a sintomas de esquizofrenia. Com novos estudos, apenas em 2013 o diagnóstico se transforma em Transtorno do Espectro Autismo, isoladamente (MORAES; GASPAR, 2022).

Acerca do diagnóstico do TEA, o instrumento mais aceito, hodiernamente, trata-se do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), cuja literatura apresenta uma nova classificação, de quatro itens dispostos: déficit em relação à comunicação, déficit comportamental, déficit em interação social e déficit em atividades e interesses restritivos e repetitivos, os quais seguem as orientações da Associação Americana de Psiquiatria (APA), para distinguir a magnitude dos sinais e sintomas em uma mesma condição (SILLOS et al., 2020).

Além do DSM-5, os instrumentos de triagem podem contribuir na diferenciação dos sinais e sintomas, bem como na monitorização ao longo do acompanhamento. A equipe de enfermagem, nesse caso, é o primeiro contato com os pacientes, uma vez que estes profissionais prestam assistência nas unidades básicas de saúde, por meio do acolhimento, além da rede complementar de apoio dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Ainda, somam-se a esses artifícios diagnósticos os indicadores Clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil (IRDI) e o Modified Checklist for Autism Toddlers (M-Chat) (SILVA et al., 2021).

Em primeiro momento, o IRDI, instrumento de triagem, é utilizado para identificação de sinais clínicos iniciais, sendo composto por 31 parâmetros de avaliação sobre o bom desenvolvimento infantil e do vínculo do bebê com os pais, distribuídos em quatro faixas etárias de zero a dezoito meses de idade, com perguntas dirigidas à mãe-bebê e/ou ao cuidador-bebê. Em segundo momento, o M-Chat, de outro modo, é composto por 23 questões, com duas opções de resposta (Sim ou Não), feitas para os pais de crianças com idade entre 18 e 24 meses. Esse recurso é usado para avaliar a presença de comportamentos iniciais, indicativos de TEA (SILVA et al., 2021).

Para mais além, é mister destacar que a utilização de terapias pode fornecer uma melhor qualidade de vida para o paciente com TEA e seus cuidadores. Cabe citar, nesse caso, as terapias comportamentais e de comunicação, capazes de melhorar, significamente, a condição de vida da

pessoa com TEA. De modo exemplar, pode-se adotar a fonoaudiologia, equoterapia e treinos funcionais. Quanto à terapia medicamentosa, esse recurso é apenas associativo, isto é, em casos mais graves, em que o indivíduo não apresenta avanços em sua condição, mesmo com o uso de outras terapias. Essa ferramenta é utilizada com o fito de minorar comportamentos estereotipados, de caráter repetitivo e quadros de hiperatividade ou desatenção (SILLOS et al., 2020).

Por fim, o autismo é um transtorno ainda pouco conhecido pela população, o que prejudica, sendo assim, a inserção desses pacientes no contexto familiar e, sobretudo, social, em razão de não ser de senso comum o entendimento acerca dos cuidados necessários ao indivíduo com TEA. Esse panorama deve ser visualizado pelo enfermeiro, que deve atuar na assistência com a introdução da Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE). Esse profissional tem o papel de formar o vínculo entre a criança e entre os pais/cuidadores, buscar soluções adequadas e orientações aos envolvidos. Por conseguinte, para esse fim, é pertinente atentar-se às individualidades e às necessidades dos pacientes com TEA, para atendê-los de forma íntegra e com qualidade, com vistas ao desenvolvimento cognitivo, pessoal e social (FONTINELE et al., 2021).

4.2 CARACTERÍSTICAS DA PESSOA COM TEA

Para o diagnóstico dos transtornos mentais, de forma clínica, não basta a identificação de alterações expressivas referentes à “norma” (tanto quantitativamente, quanto quantitativamente), mas é necessária a apresentação de algum prejuízo funcional à vida do indivíduo. Sendo assim, para receber nomenclaturas psiquiátricas, é importante que se manifestem diferenças significativas no comportamento em relação ao padrão “típico” esperado pela sociedade e pela cultura em que se está inserido, como também apresentação de comprometimento funcional na vida cotidiana em relação a sofrimentos, incapacidades ou deficiências (BRASIL, 2015).

Porém, a maioria dos transtornos são de difícil definição sobre suas causas, o que evidencia a necessidade de adoção de estratégias taxonômicas descritivas pela psiquiatria, baseadas estritamente em sinais e sintomas, bem como na evolução com o passar dos anos. Por essa razão, os transtornos mentais são síndromes psicopatológicas e não, entidades clínicas de caráter autônomo (BRASIL, 2015).

Em relação ao TEA, os sinais e sintomas mais presentes são dificuldades no que se refere à interação social e à comunicação dos indivíduos, o que, consequentemente, dificulta a efetividade familiar. Especificamente, em decorrência de haver grande esforço dos familiares no cuidado cotidiano destinado aos portadores de TEA, uma significativa parcela desses sujeitos apresenta abalos na sua saúde mental, pois sua rotina diária é, integralmente, dedicada à assistência (SILVA et al., 2020).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) (BRASIL, 2023), de maneira complementar, caracteriza as pessoas com TEA por algum grau de dificuldade de interação e comunicação social. Além disso, descreve-se a presença de outras características atípicas em relação a atividades e a comportamentos. Exemplarmente, há dificuldades de transição de uma atividade para outra, foco em detalhes e reações incomuns às sensações gerais. Quanto às habilidades e às necessidades dos indivíduos com autismo, percebe-se que elas podem variar e evoluir com o passar dos anos. Apesar de muitas pessoas com TEA viverem de forma independente, outras têm deficiências graves e imprescindem de assistência ao longo da vida.

Ainda, essas particularidades do TEA podem ser identificadas nos primeiros anos de vida, mas, na maioria das situações, são detectadas tardiamente. Normalmente, os indivíduos com autismo apresentam condições concomitantes, como depressão, ansiedade, epilepsia, transtornos de déficit de atenção e hiperatividade. Sobre as questões intelectuais, pode haver variações também de um indivíduo em relação ao outro (BRASIL, 2023).

De acordo com Santos e Fernandes (2012), as pessoas com TEA podem apresentar dificuldades relacionadas à comunicação verbal e não verbal, em diferentes graus, no compartilhamento de informações com outros. Todavia, é singular que os enfermeiros tenham o conhecimento de que algumas crianças não desenvolvem as habilidades necessárias à comunicação, fator esse que pode prejudicar ou dificultar a assistência de enfermagem. Como exemplo desses aspectos, as dificuldades podem ser representadas por: falta de reciprocidade, dificuldades de compreensão e entendimento sobre as sutilezas de linguagem, problemas com interpretação de piadas ou de falas com presença de sarcasmo, além de impasses na identificação de linguagem corporal e de expressão faciais.

É válido ressaltar que a criança com TEA apresenta um tripé de comportamentos específicos e característicos do transtorno, como desinteresse em interação social, dificuldades de comunicação verbal e ausência de atividades criativas. Para mais, em alguns casos, indivíduos com o distúrbio podem manifestar outros sintomas, como movimentos repetitivos ou estereotipados, padrão de inteligência variável, temperamento lábil e apego excessivo a objetos, além de sensibilidade a barulhos e a dor (SILLOS et al., 2020).

4.3 ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

De acordo com Neves *et al*. (2020), em sua revisão de literaturas, notou que o autista não é um ser portador de uma patologia que limita sua interação social, mas, sim, um indivíduo que vive em sua própria realidade social. Nesse panorama, o acompanhamento e a assistência destinada à pessoa com TEA exigem uma reestruturação familiar através da ajuda profissional, em especial dos trabalhadores da enfermagem. Contudo, há poucos estudos sobre esse

assunto, além de pouco conhecimento dos profissionais da saúde acerca do diagnóstico e tratamento do autismo.

Acerca da assistência de enfermagem, é importante que haja, durante o acolhimento da criança com TEA, acompanhamento do crescimento e do desenvolvimento, além de avaliação sobre sua evolução referente ao comportamento quando adulto. Para isso, é de suma importância a presença de um olhar crítico, com vistas a orientar a família sobre os encaminhamentos a profissionais especializados para a comprovação, precoce, de um diagnóstico (NEVES et al., 2020).

Entretanto, em consonância com o pensamento de Pinto *et al*. (2016), o processo de aceitação do diagnóstico ainda é difícil por parte dos pais. Isso acontece devido ao desconhecimento sobre o transtorno, o que demonstra a necessidade de uma melhor orientação e apoio por parte da equipe de enfermagem, os quais, na maioria dos casos, noticiam a descoberta à família. Embora o diagnóstico seja realizado em local adequado, verificaram-se depoimentos de comunicação sobre o assunto com aspectos de frieza e objetividade, o que tornou o momento mais difícil para a recepção da mensagem. Dessarte, é preponderante que os impactos da notícia sejam minimizados pelos enfermeiros e profissionais da saúde. Além disso, cabe a implementação de medidas e de estratégias de aceitação para suprir os anseios dos familiares envolvidos.

Essa situação é necessária para se destinar à pessoa com TEA um tratamento adequado pela equipe multidisciplinar e, dessa forma, alcançar uma melhor qualidade de vida, com autonomia. Ademais, o acolhimento deve ser destinado não somente à paciente com TEA, mas também a todos os familiares envolvidos, promovendo-se sentimentos de encorajamento, segurança e tranquilidade, para efetividade do tratamento (NEVES et al., 2020).

Silva *et al*. (2020), por sua vez, em sua análise de obras já publicadas, percebeu que as condutas dos enfermeiros mais identificadas foram: identificação de TEA, informação e apoio destinado à família de um possível

paciente acometido, aplicação da SAE e criação de intervenções de enfermagem e diagnósticos para o paciente e para o acompanhamento familiar. Além disso, sugeriu-se uma melhor capacitação aos profissionais de enfermagem para uma compreensão ampla sobre, não somente o TEA, mas também a todas as síndromes, a fim de atender, corretamente, com critérios humanizados e holísticos, pacientes, familiares e cuidadores (SILVA et al., 2020).

Araújo (2020), de maneira complementar, propôs o papel do enfermeiro como destinado à detecção dos primeiros sinais e sintomas da criança, com o intuito de que a equipe médica realize um diagnóstico preciso e completo, ainda nas primeiras fases de vida. Assim como nos autores anteriores, ainda se destacou o papel importante dos enfermeiros no que tange à comunicação e ao vínculo entre família e equipe multidisciplinar, a fim de garantir um suporte individual e humanizado. Por fim, percebeu-se o enfoque relacionado à busca por novos estudos e novas práticas de cuidado para o fornecimento de qualidade de vida aos pacientes, por meio de orientações aos familiares e cuidadores sobre o enfrentamento do transtorno.

Na rotina de atendimento, é importante relembrar que os pacientes com TEA apresentam inflexibilidade para mudanças na rotina e nas atividades ritualizadas, pois essas ações representam situações nas quais eles se sentem seguros, sem formulação de maneiras para a resolução de problemas simples do dia a todo momento. Nessa conjuntura, é imprescindível que os profissionais de enfermagem, com ajuda da equipe de saúde, atentem-se para a preservação mais próxima possível da rotina do paciente, com o objetivo de prevenir estresses do período de afastamento do ambiente familiar e promover aceitação do espaço hospitalar (DARTORA; FRANCHINI; MENDIETA, 2014).

De maneira inovadora, Magalhães *et al*. (2020) sugere ao cuidado de enfermagem o uso diversificado de estratégias a fim de alcançar resultados satisfatórios na assistência, tais como: uso da musicoterapia e aplicação de recursos lúdicos. Esses recursos devem ser utilizados de forma a assegurar o desenvolvimento da autonomia, da comunicação e da alteração de

comportamentos por intermédio de interações criativas, adotadas pelos profissionais de saúde e aplicadas à criança autista.

De forma geral, as intervenções de enfermagem e da equipe de saúde devem garantir alívio ou reestabelecimento da saúde de pacientes, da família e da sociedade. Especificamente, no caso do TEA, essas ações aplicadas devem ser de caráter educacional, em que o enfermeiro atuará como cuidador, educador, conselheiro, ouvinte e orientador, o que potencializa os cuidados prestados de forma autônoma na residência dos cuidadores - pais e familiares (FEIFER et al., 2020).

. Outrossim, cabe citar intervenções relevantes, como a musicoterapia, terapia com animais, terapia familiar, arteterapia, terapia com grupos e recreativa, em que o trabalhador da enfermagem media as ações com o indivíduo com TEA e a família. Essas opções de tratamento melhoram a dimensão social do paciente, porquanto são realizadas em grupo e permitem a manifestação de sentimentos, expressão de ideias e pensamentos, o que favorece a comunicação e a exteriorização de pacientes com espectro autista. Para mais, vale apontar outros exemplos de intervenção de enfermagem, como treinamento de habilidades e controle da agressividade e agitação (CHAVES, 2012 apud FEIFER et al., 2020).

Nesse diapasão, vê-se que o paciente com autismo necessita de uma assistência particularizada pelo profissional de enfermagem, em virtude de este ser o responsável pelo primeiro contato com o paciente e, por conta da assistência, o que passará maior tempo dedicado ao cuidado. Portanto, o enfermeiro não deve se limitar às técnicas práticas, mas oferecer confiança, apresentar um olhar cuidadoso e atento, livre de quaisquer preconceitos, capaz de garantir um atendimento humanizado e interativo, para a promoção da confiança entre paciente e profissionais da saúde. Todavia, na análise de Moraes e Gaspar (2022), identificaram-se problemas relacionados à atuação do enfermeiro no cuidado fornecido, tais como: sentimentos de incapacidade e

despreparo para lidar com pacientes com TEA, além de poucos conhecimentos aprofundados sobre o tema.

Anjos e Reis (2019), em pesquisa de revisão e análise de artigos, da mesma maneira, observou que a função do enfermeiro na assistência aos pacientes com TEA é de grande relevância. No entanto, verificou-se que esse profissional ainda não está totalmente inserido nessa realidade, na medida em que há fatores complexos que podem dificultar o trabalho junto com a equipe de saúde em relação à detecção e ao acompanhamento de pacientes. Segundo os autores, é evidente que a percepção dos trabalhadores da saúde sobre esse transtorno ainda alimenta os estereótipos, sendo necessário, portanto, o investimento em cursos, treinamentos e capacitações destinadas a diversificar os métodos usados na rede de atenção básica para uma assistência qualificada às pessoas com TEA.

Do mesmo modo, Magalhães *et al*. (2020) identificou a presença de barreiras que comprometem a qualidade e a eficácia do atendimento destinado a esse público ainda nos cuidados primários. A exemplo disso, constataram-se descoordenação da assistência, falta de tempo e de diretrizes referentes à prática clínica e assistencial e déficit na qualificação do cuidado oferecido às crianças autistas. Igualmente, Silva *et al*. (2021) constatou dificuldades dos enfermeiros acerca da abordagem e do manejo do paciente com TEA, apesar de haver recursos disponíveis na literatura, o que favorece a insegurança desses trabalhadores.

Destarte, recomenda-se, pois, a presença de treinamentos sobre sinais e sintomas desse transtorno, assim como estudo dos protocolos para fornecer embasamento teórico às consultas de enfermagem fornecidas tanto aos pacientes sob suspeita de TEA, quanto àqueles já diagnosticados. Para isso, deve-se adotar, como instrumento de triagem, a Caderneta de Saúde da Criança, a qual fornece avaliações de puericultura. Além desse recurso, é importante que haja capacitação sobre o uso do Caderno n° 33 da Atenção Básica, o qual oferece parâmetros de avaliação sobre o crescimento e desenvolvimento infantil,

sendo este base para a identificação dos sinais e sintomas característicos do Transtorno do Espectro Autista (BRASIL, 2012 apud SILVA et al., 2021).

Nesse sentido, é singular citar o Programa de Puericultura, uma dos setores atuais de cuidado à saúde na Estratégia Saúde da Família (ESF), em que se acompanha o crescimento e o desenvolvimento da criança, além de promover orientações diversas, tais como: a respeito de prevenção de acidentes, sobre o desenvolvimento neuropsicomotor; acerca de dúvidas e dificuldades da mãe e da família; sobre o calendário vacinal e a prática do aleitamento materno, bem como a alimentação complementar e prevenção de doenças que mais acometem crianças ainda no primeiro ano de vida (OLIVEIRA; CADETTE, 2009 apud GUBERT et al., 2015).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, revelou-se que a assistência de enfermagem ao paciente com TEA é de suma importância, devendo ser desempenhada de forma individualizada, humanizada, sem estereótipos e preconceitos. Nessa abordagem terapêutica, a equipe de enfermagem deve fornecer acolhimento, orientação e acompanhamento de pacientes com o distúrbio. Contudo, identificaram-se lacunas no conhecimento e no preparo técnico desses trabalhadores, o que prejudica, portanto, o cuidado.

Nessa circunstância, sugere-se uma maior capacitação, por meio de cursos e treinamentos sobre o TEA e suas características clínicas, sobre os protocolos de atendimento e intervenções terapêuticas. Além disso, é importante que haja implementação, nas unidades de atendimento (Atenção Primária, Secundária e Terciária), de diretrizes de atendimento especializado para diagnóstico e assistência de indivíduos com TEA.

O TEA exige uma atuação não somente dos profissionais de enfermagem, mas também de toda a equipe multidisciplinar, a fim de implementar cuidados, a

partir das necessidades de cada paciente, com a finalidade de contribuir para a autonomia desses sujeitos por meio do desenvolvimento de habilidades sociais e comunicativas. Essa revisão detalhou, significativamente, como o enfermeiro pode contribuir para a assistência ao paciente com autismo.

REFERÊNCIAS

ANJOS, M. de F. S. dos; REIS, M. C. G. dos. **Ações de Enfermagem no acompanhamento de pacientes com Transtorno do Espectro Autista**. 2019. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) - Curso de Enfermagem, Centro Universitário do Planalto Central Apparecido dos Santos (Uniceplac), Brasília, 2019.

ARAÚJO, M. G. de. **O papel do enfermeiro no apoio à criança autista**. 2020. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) - Curso de Enfermagem, Faculdade de Ciências da Educação e Saúde (FACES), Brasília, 2020.

BRASIL. (2015). Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**.

BRASIL. Organização Mundial da Saúde (OMS). **Autismo**. 15 de Nov. 2023. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/autism-spectrum-disorders?gad_source=1&gclid=Cj0KCQjw9vqyBhCKARIsAIIcLME_bm4w4yTexZ4VNIMSJXHLBTjT_Zyr5JNe19-mNAb1Vd_wR4fZA5waAsmoEALw_wcB>. Acesso em: 04 de Jun. 2024.

CARVALHO, A. S.; SOUSA, M. G. D. de; AZEVEDO, F. H. C. Assistência em enfermagem a crianças com autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022. **RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar**, v. 3, n. 6, p. 01-14, 2022. Disponível em: < https://recima21.com.br/index.php/recima21/article/view/1523>. Acesso em: 05 de Jun. 2024.

DARTORA, D.; MENDIETA, M.; FRANCHINI, B. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health**, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/4304>. Acesso em: 04 de Jun. 2024.

FEIFER, G. P. et al. Assistência de enfermagem a pacientes com transtorno do espectro autismo: revisão de literatura. **Revista Uningá**, v. 57, n. 3, p. 60-70, 2020. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/2968>. Acesso em: 05 de Jun. 2024.

FONTINELE, A. da S. F. et al. Olhar do enfermeiro na assistência de enfermagem do paciente autista e sua família. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. 01-08, 2021. Disponível em: < https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20229>. Acesso em: 05 de Jun. 2024.

GUBERT, F. A. et al. Protocolo de Enfermagem para consulta de puericultura. **Rev Rene**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 81-89, jan./fev. 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/11294>. Acesso em: 02 de Set. 2024.

MAGALHÃES, J. L. et al. Assistência de Enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Revista Enfermagem Global**, v. 19, n. 2, p. 541-549, abr. 2020. Disponível em: <https://revistas.um.es/eglobal/article/view/356741>. Acesso em: 04 Jun. 2024.

MORAES, L. G. B. de; GASPAR, F. M. Transtorno do espectro autista: desafios da assistência da enfermagem. **Repositório Institucional UNILUS**, p. 1-9, 2022. Disponível em: <http://revista.lusiada.br/index.php/rtcc/article/view/1634>. Acesso em: 05 Jun. 2024.

MUNIZ, M. M. da S. et al. Assistência de enfermagem à criança com espectro autista na rede básica de saúde revisão de literatura. **Ciências da Saúde e Bem-Estar: Olhares interdisciplinares**, Volume 2, Cap. 8, p. 88-98, 2023. Disponível em: <https://editorapublicar.com.br/ojs/index.php/publicacoes/article/view/728>. Acesso em: 05 Jun. 2024.

NEVES, K. do C. et al. Acolher a pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para o cuidado de Enfermagem. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 9, n. 8, pág. e941986742, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/6742>. Acesso em: 04 de Jun. 2024.

NUNES, A. K. A. et al. Assistência de enfermagem à criança com autismo. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. 01-21, 2020. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/10114>. Acesso em: 05 Jun. 2024.

PIMENTA, C. G. dos S; AMORIM, A. C. de S. Atenção e Cuidado de Enfermagem às Crianças Portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus Familiares. **Ensaios e Ciência C Biológicas Agrárias e da Saúde**, v. 25, n. 3, p. 381–389, 2021. Disponível em: <https://ensaioseciencia.pgsscogna.com.br/ensaioeciencia/article/view/8842>. Acesso em: 05 Jun. 2024.

PINTO, R. N. M. et al. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, 37 (3), 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rgenf/a/Qp39NxcyXWj6N6DfdWWDDrR/?lang=pt>. Acesso em: 04 de Jun. 2024.

RIBEIRO, T. C. **Epidemiologia do transtorno do espectro do autismo: rastreamento e prevalência na população**. 2022. 139 f. Tese de doutorado (Doutorado em Ciências), Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

SANTOS, T. H. F.; FERNANDES, F. D. M. Functional Communication Profile-Revised: uma proposta de caracterização objetiva de crianças e adolescentes do espectro do autismo. **Revista da Sociedade Brasileira de fonoaudiologia**, 17(4):454-458, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbf/a/pPWYyY5dqgPkwB5GycPX9zJ/>. Acesso em: 04 de Jun. 2024.

SILLOS, I. R. et al. A Importância de um diagnóstico precoce do autismo para um tratamento mais eficaz: uma revisão da literatura. **Revista Atenas Higeia**, v. 2, n. 1, p. 1-8, 2020. Disponível em: <http://atenas.edu.br/revista/index.php/higeia/article/view/19>. Acesso em: 05 de Jun. 2024.

SILVA, S. A. S. et al. Assistência de enfermagem a pacientes com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Mineira de Ciências da Saúde**, n. 8, p. 31-42, 2021. Disponível em: <https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistasaude/article/view/2902>. Acesso em: 05 de Jun. 2024.

SILVA, S. H. G. M. et al. A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura. **Scire Salutis**, v. 11, n.1, p. 36-45, Out 2020 a Jan 2021. Disponível em: <https://www.sustenere.inf.br/index.php/sciresalutis/article/view/CBPC2236-9600.2021.001.0004>. Acesso em: 04 de Jun. 2024.

VIEIRA, T. A.; SOARES, M. H. Assistência de enfermagem ao cuidado com crianças autistas: revisão integrativa. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 5, p. 01-12, 2023. Disponível em: < https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/41735>. Acesso em: 05 de Jun. 2024.